

Pelo direito do brincar

Monica Martinez



De volta ao quintal mágico: a educação infantil na Te-Arte

Dulcília Buitoni

São Paulo: Agora, 2006, 280 p.

De volta ao quintal mágico: a educação infantil na Te-Arte foi escrito pela livre-docente Dulcília Buitoni. Para entender a obra dessa jornalista formada em 1970 na primeira turma da ECA-USP (na mesma época em que também cursou Direito na São Francisco), é preciso acompanhar um pouco da trajetória da acadêmica que acaba de integrar o corpo docente do Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, depois de formar mestres e doutores pela USP de 1981 a 2006, onde obteve o cargo de titular de Jornalismo em concurso público em 1991.

Nos anos 1970, quando ainda era incipiente o programa de pós-graduação da ECA e Dulcília labutava nas redações da revista feminina *Capricho*, da Editora Abril, onde chegou a redatora-chefe, ela bateu nas portas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP para fazer mestrado e doutorado em imprensa feminina. Os produtos editoriais resultantes, *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira* (Loyola, 1981) e *Imprensa feminina* (Ática, 1986) são referência até hoje.

A obra agora lançada foi pensada como uma atualização do título publicado em 1988

pela Brasiliense, *Quintal mágico: a educação na pré-escola*. Que, por sua vez, era baseado na tese de livre-docência da autora, *Texto-documentário: espaço e sentidos*, defendida em 1986 na ECA-USP. Projeto teórico/prático que usava o método da pesquisa-participativa para analisar a integração de conhecimentos entre as áreas da arte-educação e do jornalismo. Estudo mediado pelo olhar amoroso da autora (seus três filhos estudaram na Te-Arte). No entanto, novas entrevistas e pesquisas acabaram resultando num segundo livro, muito mais que uma atualização.

Na obra da Brasiliense já ficava claro o encantamento da Dulcília pela pedagoga Therezita Pagani, pioneira que, em seu jardim-pomar, permitia aos pré-escolares uma educação livre, criativa e respeitosa. Na revisita ao espaço, quase vinte anos depois, o olhar de Dulcília amadureceu, bem como o de vários envolvidos. É pródiga a colheita sobre o método “Therezita”, mulher forte e à frente de seu tempo que fez valer sua visão orgânica em que a construção do conhecimento se faz a partir do corpo e do brincar.

Nesse período, o mundo mudou. Os pedagogos que discutiam o modelo de ensino mais indicado nos anos 1970/1980 agora são engolfados pela sociedade de consumo. O resultado são escolinhas marcadas pela obsessão por limpeza (ai da criança lambuzada), pelo controle (monitorar os filhos pela internet é um objeto de desejo) e pela conversão digital (pobres crianças estudando informática aos 2 anos). Cenário triste que o pedagogo português José Pacheco, que implantou modelo parecido em terras lusitanas, a escola da Ponte, para alunos de 7 anos em diante, no prefácio da obra, batiza sabiamente de “vanguarda tecnológica do atraso pedagógico”.

Tudo para gáudio de pais que precisam trabalhar ou dar a impressão de que estão trabalhando 24 horas por dia para garantir

o faturamento necessário e manter a família – quando não estão na segunda ou terceira –, inserida no contexto de uma sociedade individualista, que se espelha em padrões norte-americanos de consumo. No caso brasileiro, itens como educação e saúde pesam no orçamento doméstico, sobretudo da classe média, visto que o sistema público está longe de atender às necessidades fundamentais.

O reflexo fica evidente na geração de crianças transformadas precocemente em pequenos adultos, sofrendo com agendas cheias que não contemplam tempo vago para brincar. Pequenos que padecem de hiperatividade (para sedá-los, foram prescritas mais de 1 milhão de caixas de ritalina em 2005); de obesidade (causada pela inatividade e pela alimentação desequilibrada, um problema de saúde pública mais grave que a desnutrição) e de falta de afetividade (resultado da falta de vínculos). Que mais tarde pode desembocar em adultos infantilizados, que têm dificuldades para se estruturar na vida pessoal, profissional ou, mais frequentemente, em ambas.

Nesse ambiente, em que os filhos são criados não para serem úteis à comunidade e felizes na vida, mas bem-sucedidos no mercado, é bem-vindo esse estudo de caso que defende a preservação da infância. Não de uma infância inerte, típica da classe média dos centros urbanos brasileiros, que por conta da mão-de-obra barata e farta ainda aparta as atividades braçais das intelectuais.

Experiências como a da orgânica escola Te-Arte, felizmente, resgatam o contato com a natureza, a arte, a cultura popular e o olhar atento e afetuoso, peças de resistência contra a visão utilitarista contemporânea. Nelas há também espaço para a inclusão social – o portador de deficiência física, por exemplo, é diferente, mas também uma criança, convívio que facilita no futuro a tolerância.

Até os 7 anos, não há separação forçada das crianças por idade, permitindo aos maiorzinhos acolher os menores, bem como a estes admirarem e aprenderem com os veteranos. Não há também divisão de tarefas

entre os adultos, o que só reforçaria nos pequenos a idéia de que há cidadãos de primeira e segunda classes.

Num mundo em que os pais querem a todo custo poupar os filhos dos dissabores e frustrações, modelos como o estudado, cujo quintal concretamente ergue-se em terreno com declive acentuado, revelam que os obstáculos, longe de serem ruínas, são estímulos ao fortalecimento de músculos e caráter.

Ainda nesse plano concreto, a pedagoga Therezita bate incessantemente na tecla da importância de se permitir às crianças aprender a habitar o próprio corpo, como fazem quando comem uma fruta com as mãos ou sobem e descem escadas. Segundo ela, é ao experimentar a corporalidade que a criança conhece a si e ao seu entorno, sentindo-se gradualmente segura para descobrir o mundo. E criatividade, como sabemos, é altamente desejável nos incertos tempos atuais.

Há espaço até para aprender e literalmente digerir os ciclos de vida, item tão temido em um tempo que prima pela busca da juventude eterna à força de pílulas e cirurgias (num dado ano, Therezita transformou em almoço a criação de patos e galinhas, inserindo o conceito de morte como algo natural e com sentido, no caso o da alimentação). Como diz o ditado, por mais que teorizemos a morte é a única certeza que temos em vida.

A obra é um presente para estudiosos em narrativas, resgatando o prazer da leitura, algo inexplicavelmente raro entre os trabalhos científicos na área de comunicação. Tanto que a parte prática, na época da defesa da tese, foi considerada por Ana Mae Barbosa, ex-diretora do Museu de Arte Contemporânea e especialista em arte-educação, uma salutar contraposição ao jornalismo inquisitorial. Hoje, a abordagem poderia ser talvez compreendida no contexto do jornalismo compreensivo, defendido por outros pares de Dulcília, como Cremilda Medina, visto que, por meio do método da história de vida, ela tece uma colcha colorida que permite ao leitor mergulhar nessa realidade descortinada pela autora.

A obra também comporta críticas ao modelo. A própria irmã de Therezita, Maria Isabel de Souza, lembra que há limitações ao método, mais apropriado para crianças urbanas de classe média alta (“mães de classe baixa têm como modelo a classe média, às vezes a classe média alta, e querem que o filho aprenda a comer direito, que adquira modos, que tenha um aprendizado um pouco mais formal”, p. 205). Outra questão é que o modelo é adequado apenas para meio período (“não há quem agüente trabalhar oito horas por dia nesse ritmo, com várias idades ao mesmo tempo, olhos para todos os lados...”, p. 205).

Na atualização, a autora poderia ter inserido a Te-Arte no contexto das escolinhas diferenciadas, contrapondo-a a outros casos bem-sucedidos, como a pedagogia Waldorf. Criado pelo filósofo austríaco Rudolf Stei-

ner, ele apresenta cases interessantes, não só em escolas particulares, como a Steiner e a Micael, mas até em favelas, como a Monte Azul, na Zona Sul de São Paulo.

Ao se terminar a leitura da obra, tem-se pelo menos três certezas. A primeira é que é possível escrita criativa em texto acadêmico. Basta haver talento. A segunda é a constatação de que até 7 anos a criança aprende brincando. E a terceira é que é muito mais difícil criar filho hoje em dia do que antigamente, quando as crianças ficavam em casa até os 7 anos com a mãe ou avó, que misteriosamente arranjavam tempo para ouvi-las e inseri-las ludicamente nas atividades do dia a dia.

Monica Martinez é jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, titular de Jornalismo Literário e coordenadora de projetos experimentais de jornalismo do Centro Universitário UniFIAMFAAM.